

## Por uma crítica colorida: um manifesto em favor da criação

Edmon Neto de Oliveira <sup>1</sup>

**RESUMO:** A partir de uma paráfrase que Antônio Cândido faz de um conceito de Mefistófeles, segundo a qual “a crítica é cinzenta, e verdejante o áureo texto que ela aborda”, o presente trabalho se presta a fazer uma leitura do chamado “quase manifesto”, escrito pelo poeta Alberto Pucheu e incluído no livro de ensaios *Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus entornos interventivos)*.

Palavras-chave: Literatura; Poesia; Filosofia; Crítica Literária.

**ABSTRACT:** The present work is a reading of the book *Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus entornos interventivos)*, by Alberto Pucheu. For both, will be grounded in a paraphrase of Mephistopheles, made by Antonio Candido, whereby “a crítica é cinzenta, e verdejante o áureo texto que ela aborda”.

Key-words: Literature; Poetry; Philosophy; Book review.

O texto que abre o livro *Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus entornos interventivos)*, é qualificado como “(quase) manifesto”, em que esse “quase” aparece entre parênteses e, portanto, o texto se assume e ao mesmo tempo não se assume como um manifesto. Nele, Alberto Pucheu diz que a crítica literária habitual

classifica, esquematiza, sistematiza, codifica, cataloga, parafraseia, descreve, analisa, demonstra, explica, hierarquiza, busca as fontes, mostra as fases de evolução, organiza pelas semelhanças, uniformiza, arquiviza, ficha, clarifica, oferece dados cronológicos biográficos ou bibliográficos desconhecidos do público, compara, salienta o fundamento ideológico, revê a fortuna crítica, assinala as influências recebidas, demarca a genealogia livresca de certos temas, executa histórias da literatura e manuais para a sua divulgação, investiga a realidade social na estrutura da obra literária, assinala maneiras específicas de sociabilidade intelectual, sonda os aspectos externos ou secundários da criação (...), questiona a relação entre escritor, obra e leitor, instiga à leitura de determinado texto etc. etc. etc” (PUCHEU, 2007, p.13)

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Todo esse inegável esforço da crítica é uma atividade árdua, principalmente quando se considera os comportamentos sociais e políticos; mas, para o autor, falta à crítica caminhar junto com a obra criticada, falta ao texto crítico um pareamento com a obra literária, numa zona de vizinhança e de indiscernibilidade entre o poético e o filosófico, entre a poesia teórica e a teoria poética.

A partir de uma paráfrase que Antônio Cândido faz de um conceito de Mefistófeles, segundo a qual “a crítica é cinzenta, e verdejante o áureo texto que ela aborda” (PUCHEU, 2007, p. 14), Pucheu procura defender uma escrita que seja possível tocar a alma, o coração e os nervos do leitor, a fim de que o impacto do assunto seja levado à máxima potência, através da força dos sentidos. No manifesto, diz o crítico-poeta que a partir de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, há um “desguarnecimento de fronteiras” entre a escrita poética, a ensaística e a teórica; e todas essas em relação à ciência, em que o crítico deve ser capaz de operar como um sintetizador dos trabalhos literários em diálogo com os saberes da ciência, tornando-os permeáveis e suscetíveis a atravessamentos. Para isso, seria preciso

a transformação do leitor-crítico em leitor-criador ou escritor-intensivo, que buscasse janelas por onde sair do texto, elevando sua carga suplementar a tal nível que, mantendo ou não o foco no texto abordado, borrasse cada vez mais o que antes era considerado como discurso primeiro, ou seja, ainda que falando sobre um outro, falasse, sobretudo, por sobre um outro. (PUCHEU, 2007, p. 17).

Tanto Cândido quanto Euclides da Cunha atestaram a “síndrome cinzenta” da crítica literária: o primeiro, além da frase que inspira o manifesto, por considerar, por exemplo, Oswald de Andrade como um problema literário e figura que daria muitas rasteiras nos críticos posteriores. De outra forma, também, reconhecendo os seus próprios limites enquanto crítico, ser capaz de atestar: “O melhor que posso fazer é aconselhar a cada um que esqueça o que eu disse, compendiando os críticos, e abra diretamente os livros de Machado de Assis” (PUCHEU, 2007, p. 14). O segundo, Euclides da Cunha, por propor à crítica um caráter anômalo, buscando a sua própria poeticidade, seu próprio gesto criador, para liberar a crítica de seus escrúpulos cinzentos. Se a crítica habitual só sabe metagesticular, demonstrar-demonstrar através de uma objetividade sóbria, melhor seria uma ebriedade, para fugir do que se lhe impõe sombrio.

Em livro sobre Roberto Correa dos Santos, Alberto Pucheu cria uma escrita que não se mantém secundária à outra da qual se fala, a partir nos devires que a literatura contemporânea emerge, fundindo os modos de produção em um complexo indiferenciável, no trabalho com o corpo, com a performance, na busca de uma saúde através de um “outrar-se”, de uma gravidez de dobramentos e desdobramentos ou de verso e reverso.

Para que, se a literatura é grandiosamente entendida como ‘a longa história das potências condensadas’, a crítica possa, de fato, estar igualmente à altura ou à fundura da literatura, preservando a dinâmica que a hospeda e a move no texto crítico, agora, também literário, poético. (PUCHEU, 2012, p. 43).

Dessa forma, o crítico não deve ser rebocado, mas um crítico-artista, um teórico-artista, que caminha lado a lado com o poeta ou o ficcionista, que seja igualmente um criador. E, assim, a dicção do manifesto se opera quando Pucheu afirma sobre a postura do artista em relação ao crítico, o que reitera toda a sua posição frente ao problema:

O artista deve lutar por um pensamento teórico que, - seu par -, contíguo a ele, mesmo que criativamente aberto a ele, desde si mesmo, autopoeticamente, se ponha enquanto escrita e pensamento, que o ajude a avançar, que, rivalizando com a literatura, busque antecipar seus movimentos, que invente uma possibilidade de seu futuro. O artista deve lutar por um pensamento teórico que possua as mesmas ousadias que as suas. O artista deve lutar por um pensamento teórico que não apenas requeira o novo, mas que o realize em sua própria prática. O artista deve lutar por um pensamento teórico que leve a arte a um constante movimento de superação. O artista deve lutar por um teórico que lhe seja um amigo e um concorrente, ou seja, o artista, ao invés de lutar contra a crítica, luta mesmo é a seu favor, a favor da liberdade mais radical de sua criação, a favor do ultrapassamento do convencional no qual a escrita teórica – como qualquer outra arte – pode se estancar, a favor de sua transformação de subscrita em sobrescrita, a favor de não escrever tão somente sobre, mas de escrever, principalmente, por sobre. (PUCHEU, 2007, p. 18).

No prefácio da obra *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*, Giorgio Agamben discute qual seria o verdadeiro objeto da poesia, procurando responder seus questionamentos trazendo à luz a lembrança da cisão entre palavra poética e palavra pensante, que se produziu desde a origem na cultura ocidental. De um lado, a poesia acontece a partir de uma apropriação sem consciência, ao passo que a filosofia se apropria do objeto a partir de uma consciência sem gozo e, por isso, o conhecimento estaria dividido entre um pólo “estático-inspirado” e um pólo “racional-consciente”. Diz o filósofo:

A palavra ocidental está, assim, dividida entre uma palavra inconsciente e como que caída do céu, que goza do objeto do conhecimento representando-o na forma bela, e

uma palavra que tem para si toda a seriedade e toda a consciência, mas que não goza do seu objeto porque não o consegue representar. (AGAMBEN, 2007, p. 12)

Como consequência, Agamben aponta o fato de a filosofia ter deixado de elaborar uma linguagem própria, como se tivesse um “caminho régio” para a verdade que prescindisse do problema da sua representação, assim como o fato de a poesia não ter se dado nenhum método e nenhuma consciência de si. E em defesa da unidade própria da palavra despedaçada, atesta:

“O que dessa forma acaba sendo suprimido é que toda autêntica intenção poética se volta para o conhecimento, assim como todo verdadeiro filosofar está sempre voltado para a alegria”

(AGAMBEN, 2007, p.13). É justamente essa zona de desguarnecimento que Alberto Pucheu defende para a escrita crítica: o conhecimento indissociável da alegria, o colorido em detrimento do cinzento,

fazendo com que filosofia e literatura, crítica e poesia, teoria e criação, tenham suas fronteiras desguarnecidas, esta escrita indiscernível, na modalidade de sua feitura, [que] é tão intensa quanto a poesia – é poesia. Do pensamento. Poesia filosófica. Filosofia poética. Teoria poética... No lugar do carrapato, mesmo no lugar do cão treinado farejador, o rinoceronte – aqui, é um selvagem a falar de outro selvagem. E a poesia a falar de poesia. (PUCHEU, 2007, p. 23).

Assim, buscando a defesa de uma escrita criadora, em que a tarefa do crítico seja considerada como intensificadora da obra literária e não apenas que seu ofício seja puramente uma referência estanque e engessada àquela, o poeta denuncia o caráter cinzento, sobretudo da crítica contemporânea, na medida em que esta não encara o próprio texto como “realidade autônoma”, mas subjugado pela obra-objeto. O que se deseja em Pucheu é a busca por caminhos que rompam com a segregação entre literatura e crítica, poesia e teoria, arte e filosofia, em proveito de uma escrita anômala, integralmente criadora e colorida, dentro de um campo em que a objetividade doutrinadora é posta em xeque em virtude de uma ebriedade dionisíaca (sem, contudo, perder o rigor), a fim de que seja possível falar do que é grande, de preferência, com grandeza.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ISSN: 1983-8379

PUCHEU, Alberto. *Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus entornos interventivos)*. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

\_\_\_\_\_. *Roberto Corrêa dos Santos: o poema contemporâneo enquanto o “ensaio teórico-crítico-experimental”*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012.